

OBSERVAR

CONSTRUÇÕES

ATRAVESSANDO

MONUMENTOS



Observar

construções

Obserwować

Watching

atravessando

zabytki

monumentos

buildings

pośrodku

between

placu budowy

monuments

Vitor Cesar

observação :

O
S

E
F
E
I
T
O
S

D
A

O
B
R
A

D
E
S
T
E

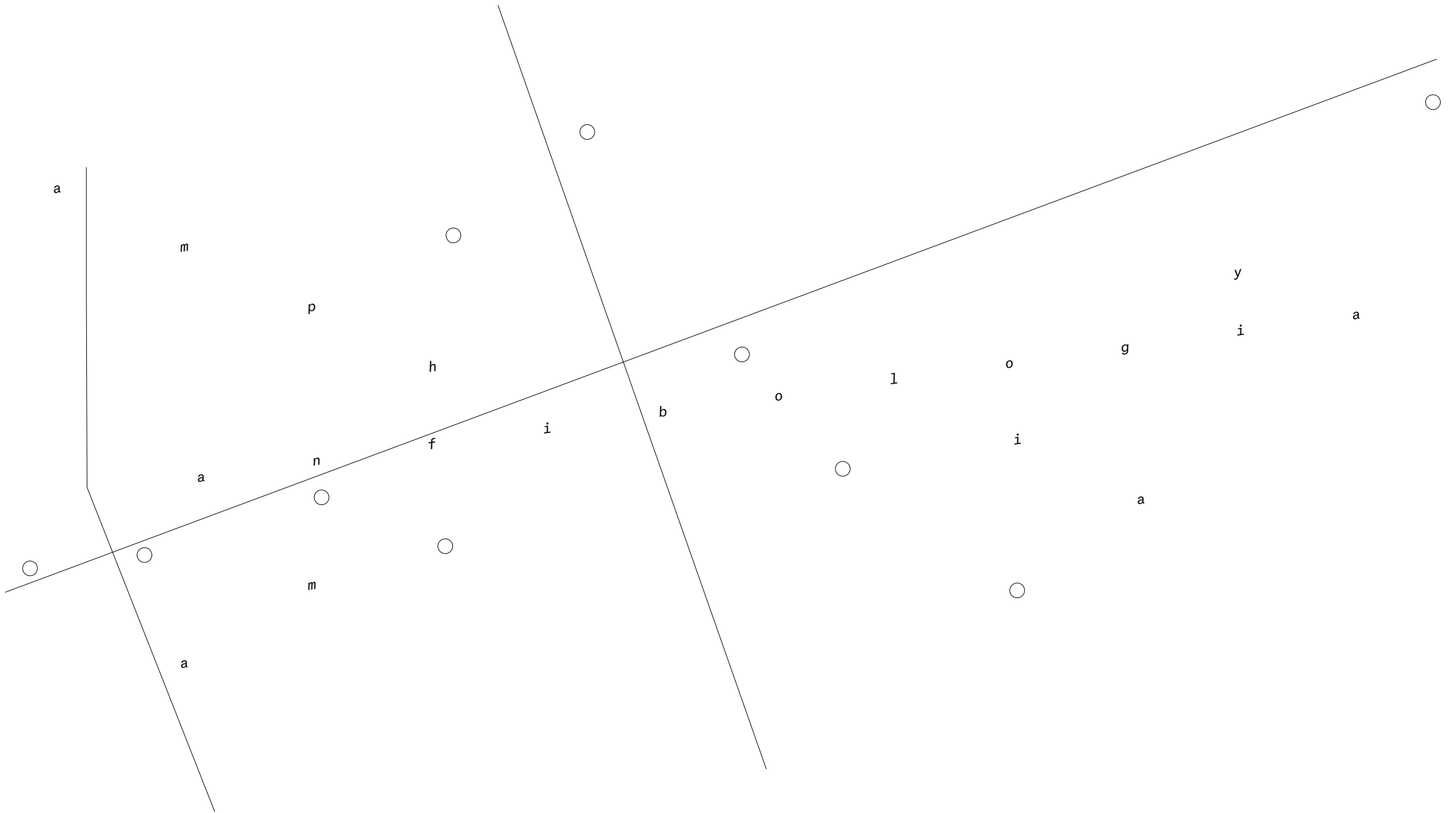
A
R
T
I
S
T
A

S
Ã
O

D
E

S
U
A

R
E
S
P
O
N
S
A
B
I
L
I
D
A
D
E



a

m

p

h

a

n

f

i

b

o

l

o

g

y

i

a

a

m

a

IŚĆ

PRZEZ

MIASTO

**W STANIE
ZAMĘTU**

CAMINHAR

PELA

CIDADE EM

**UM ESTADO
CAÓTICO**

PRZYSZŁOŚĆ

REIVINDICOU

ZYSKAŁA

O PASSADO

PRZESZŁOŚĆ

O FUTURO

**ALGUÉM QUE
DESORGANIZA
O ESPAÇO AO
SEU
REDOR**

**KTOŚ
PROJEKTUJE**

NOWE

PRZESTRZENIE

**W CENTRUM
MIASTA**

**ALGUÉM
PROJETA**

NOVOS

ESPAÇOS NO

**CENTRO
DA CIDADE**

**UM HABITANTE
PEDE**

**A OUTRO
PARA OCUPAR**

SUA

CASA

OBECNIE

**NIEWIELU JEST
ZAINTERESOWANYCH
W PRZYSZŁOŚCI**

**PODOBNIENIE JAK W
PRZESZŁOŚCI**

NO PRESENTE

**NEM TODOS SE
INTERESSAM
PELO FUTURO**

**COMO
NO PASSADO**

**DEFINIR AS
ESCOLHAS
COM
AMBIVALÊNCIA**

**MIESZKANIEC
ZAUWAŻA
CZYJAŚ
NIEOBECNOŚĆ
PRZED
POMNIKIEM**

**UM HABITANTE
NOTA A
AUSÊNCIA
DE ALGUÉM**

**DIANTE DO
MONUMENTO**

**POŚWIĘCAĆ
UWAGĘ**

**ATENTO
AOS**

MIEJSCOM

LUGARES

BEZ

NOSTALGII

**SEM
NOSTALGIA**

**KTOŚ
MÓWI**

**ALGUÉM FALA
SOBRE**

**O PRZESTRZENI
PUBLICZNEJ
W ŚRODKU
BUDYNKU**

**ESPAÇOS
PÚBLICOS
DENTRO
DO PRÉDIO**

O PASSAGEIRO

**PERCEBE
OUTRO**

**MUDANDO
PADRÕES
DE CONDUTA**

OBSERWOWAĆ

O B S E R V A R

Z A B Y T K I

CONSTRUÇÕES

P O Ś R O D K U

ATRAVRESSANDO

PLACU BUDOWY

MONUMENTOS

**PLANOWAĆ
PRYWATNĄ
PRZESTRZEŃ**

**POŚRODKU
ULICY**

**PLANEJAR
O**

**ESPAÇO
PRIVÁDO**

**NO MEIO
DA RUA**

**UMA PESSOA
NEGOCIA COM
OUTRA PARA
MUDAR**

SUA

PERCEPÇÃO

**ODPOWIEDZIALNOŚĆ
WOBEC PRZESTRZENI**

ULICY

JEST W MIEŚCIE

WIDZIANA

DWUZNACZNIE

PODOBNI

JAK W INNYCH

MIEJSCACH

**A
RESPONSABILIDADE
COM A RUA**

NÃO

**É VISTA COM
AMBIVALENCIA NA
CIDADE**

**COMO EM OUTROS
LUGARES**

FALAR

PARA

A COMUNIDADE

**QUE FREQUENTA
MUSEUS**

CHAOS

MODIFICOU

ODMIENIŁ

ORDEM

PORZĄDEK

O CAOS

POSTRZEGANIE MIASTA I JEGO PŁYNNOŚĆ



11
KANCELARIA NOTARIALNA
BOROWA KIMCZYŃSKA
NOTARIUSZ

PLANOWAĆ
PRYWATNĄ
PRZESTRZEŃ

POŚRODKU
ULICY

PRZEGLĄD
WARSZAWSKI

Um modo coletivo

de entender arquitetura
como condutor de uma prática

Parto da ideia de que um projeto arquitetônico precisa de um terreno que ofereça as condições com as quais é necessário trabalhar. Dimensões, leis de uso do solo, relação com o entorno, intensidade das vias de acesso, volumetria do bairro, dinâmicas sociais da vizinhança e políticas públicas da região são parâmetros que conduzem e dão forma a um projeto.

Essas condições revelam uma dimensão coletiva da arquitetura, são paisagens – naturais, urbanas, humanas, técnicas – às quais é preciso responder, trabalhar a *partir*, seja com intervenções ou integrações. E que, portanto, podem ser limitadoras ou potencializadoras de um processo.

Em alguns trabalhos que venho realizando, abordo certas situações como um projeto de arquitetura. Entendo minhas ações contextualizadas em um lugar no mundo, como qualquer outro, implicado em uma rede de relações. Ao estar atento a essas relações, o que se torna visível é, consciente ou não, a disposição para se *relacionar*.

Antes de chegar a Varsóvia, fui convidado para desenvolver um trabalho, considerando a cidade como um arquivo – com bastante margem para abordar a noção de arquivo. Além disso, durante o intervalo entre a visita preliminar e o período da residência, propuseram que eu desse visibilidade ao trabalho no espaço aberto e coletivo da cidade, utilizando o espaço gráfico de dez *outdoors* [de 1,20m x 1.80m].

Considero que esse foi meu *terreno* inicial, essas propostas e suas condições começaram a delinear um contexto ao qual procurei responder, juntamente com as experiências que tive na cidade.

Banco como convite para a casa
e para repensar um banco

Antes de iniciar a residência, fiz uma visita preliminar a Varsóvia. Nesse período, visitei a casa do arquiteto Oskar Hansen, em Szumin. Entre as diversas proposições do projeto arquitetônico que me chamaram a atenção, uma delas se destacou. Na frente da casa, o arquiteto construiu um banco de madeira, fixado na estrutura abaixo do limite da casa. O mobiliário pode ser entendido como um convite para os passantes se sentarem para conversar ou entrar na residência.

Um banco é algo elementar no nosso cotidiano, mas a maneira como Hansen construiu esse banco (pelo modo como ele me apresenta uma ideia de coletividade e sociabilidade a partir desse banco) me fez repensar as minhas próprias noções (de banco, coletividade e sociabilidade), e como podemos fazer outros bancos.

É algo *básico* e pode parecer *óbvio*. E é importante olhar para o que é *básico* no cotidiano e refletir sobre o que passamos a considerar *óbvio*.

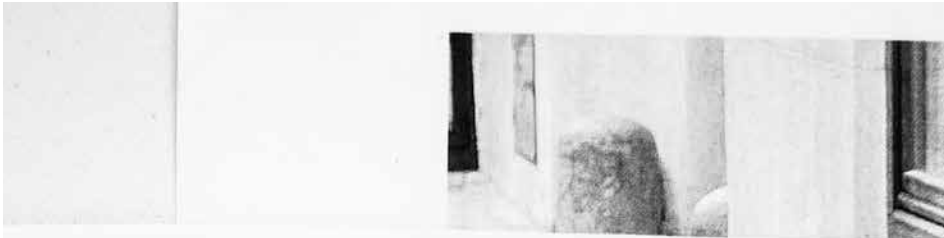


Cidades são constituídas por seus espaços físicos, como ruas, praças e edifícios, juntamente com suas histórias, discursos, lendas, mitos, boatos, acordos, leis e sentidos comuns.

Varsóvia passa por uma série de transformações urbanas intensas, permeadas de interrupções e conexões, espaciais e temporais. Do cotidiano desses espaços, emergem discursos e ideias que relatam experiências na cidade: algumas noções de caos, a ocupação pelo capital neoliberal, a velocidade da transformação urbana sem planejamento suficiente, as reivindicações de propriedade que geram impasses e litígios, histórias escondidas que aparecem aos poucos para os próprios habitantes. Essas percepções aparecem e circulam, implícita ou explicitamente, seja em conversas cotidianas, em visitas guiadas, em jornais ou livros. Elas podem circular entre muitas pessoas ou apenas entre pequenos grupos, e existem, obviamente, desacordos em relação a elas.

10th—Anniversary Stadium, construído em 1955, durante o período comunista em Varsóvia. Nos anos 90, abrigou o maior mercado informal a céu aberto da Europa (Chamado *Jarmark Europa*), constituído por negociantes poloneses e imigrantes de diferentes países. Em 2008, foi demolido para a construção de um novo estádio, no mesmo lugar, para receber os jogos da Eurocopa de 2012. Imagem do livro *Stadium X, a place that never was*, editado por Joanna Warsza e publicado pela *Beç Zmiana Foundation* (Varsóvia, 2009).





The Cunning of Chaos and Its Orders: A Taxonomy of Urban Chaos in Post-Socialist Warsaw and Beyond

Joanna Kusiak

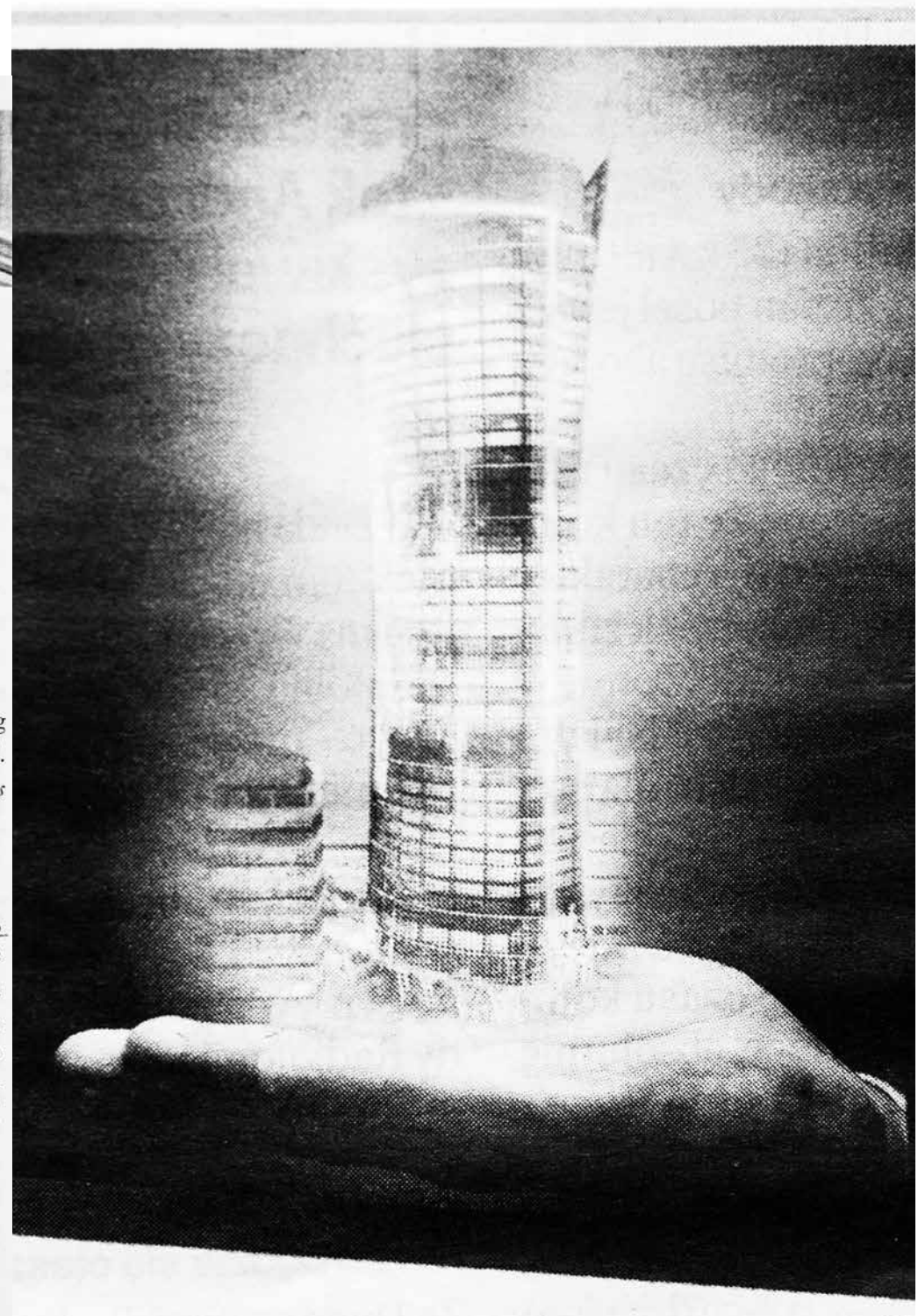
Chaos is found in greatest abundance wherever order is being sought. It always defeats order, because it is better organized.

Terry Pratchett, Interesting Times

Chaos as *zeitgeist*

If the interesting times of post-socialist transformation had their *zeitgeist*, this would be, according to Kiril Stanilov (2007), chaos. Indeed, at some point after 1989 “chaos” had become a notorious word, ever returning in daily conversations, countless press commentaries and in the inexhaustible *kvetch* of internet fora. It wasn’t born as a theoretical concept, but stood for a straightforward account of lived experience. If in popular understanding “order” means that things are in place (not necessarily in the *right* place but in a place people got used to), the common feeling of chaos was a widespread reaction to a shift observable in all areas of public and private life. The collapse of the old system was comparable to the sudden suspension of the law of gravity: people and things previously fixed to their places were “floating freely” appearing in ever new, quite surprising spots. The experience of astonishment and shock caused by simple everyday life phenomena is well-captured in the 1989- and 1990-diaries of the journalist Mariusz Szczygieł (2011), with a striking number of exclamation marks in the text. Things and people were appearing in places and situations that

Página do livro
*Chasing Warsaw,
Socio—Material
Dynamics of Urban
Change since 1990,*
editado por Monika
Grubbauer e Joanna
Kusiak, em 2012.



Propaganda de investimento em salas comerciais publicada em jornal.



Durante o período soviético, a maior parte das propriedades foram estatizadas. Com o fim do regime, muitas pessoas passaram a reivindicar propriedades, baseadas em documentos anteriores à guerra, gerando uma série de impasses em espaços e edifícios da cidade.

Reorganizar
nossos
termos

A experiência em Varsóvia me fez repensar as minhas próprias noções dessas ideias, ou termos *sobre e da* cidade em que vivo. E REORGANIZAR os sentidos desses termos nos diferentes contextos é uma maneira de desnaturalizar (e/ou desculturalizar) o modo como operam.

Para REORGANIZAR, é preciso estar com disponibilidade para compreender *→contradições←*, *←ambiguidades→*. Como refletir sobre essas questões sem necessariamente *representar* apenas uma perspectiva? Como *apresentar* justamente a possibilidade de múltiplas leituras, convocando a responsabilidade de quem lê? Como pensar dessa forma sem abrir mão de um posicionamento?

A etimologia da palavra *sintaxe* remete à ideia de disposição, organização, composição. Para além da gramática, podemos pensar a *sintaxe* em outros campos, como na gramática visual de percepção da cidade ou nas proposições artísticas.

Na cidade, as construções físicas estabelecem composições e disposições que produzem narrativas espaciais, que por sua vez produzem discursos, que voltam a produzir narrativas espaciais.

Ao realizar uma atividade artística, o propositor articula diferentes ideias, materiais ou outros elementos para organizar algum discurso ou sentido – ainda que a intenção seja não ter sentido (e certamente há um sentido nisso).

Segundo o dicionário, a anfibologia é a construção sintática incorreta de uma frase que permite mais de uma interpretação, uma ambiguidade sintática. No entanto, revejo a noção de erro. A bifurcação (ou o cruzamento, ou o atravessamento) de significados pode ser a tentativa de invenção de algo que resiste a uma categorização imediata.

As frases/enunciados deste projeto foram elaboradas em *português* e transcritas por Michał Lipszyc. Elas foram repensadas e também inventadas em *polonês*, o que nos levou a redefinir algumas frases originais em *português*.

Não foi possível construir certas frases em *polonês* mantendo o sentido ou a estrutura iniciais; por isso, a publicação contém mais frases em *português*. Essas duas línguas foram condutoras do processo de trabalho e da conversa, o que levou a traduzir para o *inglês* apenas as frases possíveis.



WALKING THROUGH THE CITY IN A CHAOTIC STATE
AMPHIBIOLOGY, TRANSLATION

WALK
THROUGH
THE CITY IN CHAOTIC
STATE

ALERT
TO PLACES
WITHOUT
NOSTALGIA

IT CLAIMED
THE PAST
THE FUTURE

SOMEONE TALKS
ABOUT PUBLIC PLACES IN THE BUILDING

SOMEONE
WHO DISORGANISES
THE SPACE
IN ITS SURROUNDINGS

THE PASSENGER
NOTICES ANOTHER
CHANGING CODES OF CONDUCT

SOMEONE PLANS
NEW LOCATIONS IN THE CENTER
OF THE CITY

TO WHATCH
BUILDINGS
BETWEEN
MONUMENTS

AN INHABITANT
ASKS ANOTHER
TO OCCUPY HIS HOUSE

PRIVATE SPACE
TO PLAN
IN THE MIDDLE
OF THE STREET

IN THE PRESENT
NOT EVERYONE IS INTERESTED
IN THE FUTURE
AS MUCH AS IN THE PAST

A PERSON NEGOTIATES
WITH ANOTHER
TO CHANGE
HIS PERCEPTION

AN INHABITANT
NOTES THE ABSENCE
OF SOMEONE
BEFORE THE MONUMENT

THE RESPONSIBILITY TO THE STREET
IS NOT AMBIVALENT IN THE CITY
AS IN OTHER PLACES

TO TELL THE COMMUNITY
THAT ATTENDS MUSEUMS

A COLLECTIVE WAY
OF UNDERSTANDING ARCHITECTURE
AS THE DRIVER OF A PRACTICE.

BENCH AS INVITATION TO A HOUSE
AND TO RETHINKING
A BENCH

I work with the idea that an architectural project requires a terrain that offers the conditions one needs in order to work. Dimensions, land use laws, relationship with the surroundings, traffic volume in access roads, neighborhood profile, the area's social dynamics, and public policies are parameters that guide and shape a project.

These conditions reveal a collective dimension of architecture; they are landscapes - natural, urban, human, technical - that one must respond to and work *from*, through intervention or integration, and therefore they can either limit or boost a process.

In some of the pieces I am working on, I approach certain situations like an architecture project. I view my actions contextualized in a place in the world, like any other, implicated in a network of relationships. When one is attentive to these relationships, what becomes visible is, conscious or otherwise, the willingness to *relate*.

Before arriving in Warsaw, I was invited to create a piece of work considering the city as an archive - with ample freedom to approach the notion of archive. Furthermore, during the hiatus between the preliminary visit and the residency, I was proposed to give visibility to the piece out in the open, collective space of the city, using a graphical area of ten billboards [measuring 1,20m x 1.80m each].

I consider that this was my initial *terrain*, and its proposals and conditions began to outline a context I strove to respond to, along with the experiences I had in the city.

Before embarking on the residency, I made a preliminary visit to Warsaw. During this time, I visited the architect Oskar Hansen's house in Szumin. Out of the various propositions in the architectural space that grabbed my attention, one stood out. In front of the house, the architect had built a wooden bench, attached to the house's underlying structure. The piece of furnishing can be understood as an invitation for passersby to sit down and talk, or enter the residence.

A bench is something elementary in our day-to-day, but the way Hansen built this bench (the way he conveys an idea of collectivity and sociability through this bench) led me to rethink my own notions (of bench, collectivity and sociability), and how we can build other benches.

It is basic and may seem *obvious*, and it is important to look back at what seems *basic* in daily life and reflect on what we have come to consider *obvious*.

Cities are constituted by their physical spaces, such as streets, squares, and buildings, along with their stories, discourses, legends, myths, rumors, agreements, laws, and common senses.

Warsaw is undergoing a series of intense urban transformations, permeated by spatial and temporal interruptions and connections. From daily life in these spaces there emerge discourses and ideas that relate experiences in the city: a few notions of chaos, occupation by neoliberal capital, the speed of insufficiently-planned urban change, the ownership claims that lead to stalemates and litigations, hidden stories that gradually surface to the residents themselves. These perceptions appear and circulate, implicitly or explicitly, in everyday conversations, guided tours, newspapers or books. They can circulate freely among many people or only among small groups and, obviously, there is disagreement regarding them.

The experience in Warsaw led me to rethink my own concepts of these ideas, or terms *about* and *of* the city I live in. And reorganizing the meanings of these terms in different contexts is a way of denaturalizing (and/or deculturalizing) the way in which they operate.

In order to reorganize, one must be willing to comprehend *contradictions*, *ambiguities*. How does one reflect about these issues without necessarily *representing* only one perspective? How does one justly *presents* the possibility of multiple readings, summoning the responsibility of those who read? How does one think like this without relinquishing one's own position?

Image captions

- *10th-Anniversary Stadium*, built in 1955, during the communist era in Warsaw. In the 90s, it housed the largest informal open-air market in Europe (named *Jarmark Europa*), erected by Polish merchants and immigrants from different countries. In 2008, it was demolished so a new stadium could be built to host the Euro Cup 2012 games. Picture from the book *Stadium X, a place that never was*, edited by Joanna Warsza and published by the Beç Zmiana Foundation (Warsaw, 2009).
- Page from the book *Chasing Warsaw, Socio-Material Dynamics of Urban Change since 1990*, edited by Monika Grubbauer and Joanna Kusiak in 2012.
- Newspaper advert for investment in commercial rooms.
- During the Soviet era, most real estate was nationalized. After the regime ended, many people started making ownership claims based on pre-war documents, creating a series of stalemates regarding the city's spaces and buildings.

The etymology of the word *syntax* harkens back to the idea of arrangement, organization, composition. Beyond grammar, we can consider *syntax* in other fields, such as the visual grammar of city perception, or artistic propositions.

In the city, physical buildings establish compositions and arrangements that produce spatial narratives, which in turn produce discourses that again produce spatial narratives.

In performing an artistic activity, the proponent articulates different ideas, materials or other elements to organize some discourse or meaning - even when the intention is to have no meaning (and certainly, there is meaning in that).

The dictionary definition of amphibology is the incorrect syntactic construction of a sentence that allows more than one interpretation, a syntactic ambiguity. However, I revise the notion of error. The fork in the road (or intersection, or crossing) of meanings can be an attempt to invent something that resists immediate categorization.

The sentences/enunciations in this project were originally created in *Portuguese* and transcreated by Michal Lipszyc. They were rethought and also invented in *Polish*, and this in turn led us to redefine some of the original sentences in *Portuguese*.

It was impossible to build some of the sentences in *Polish* while retaining the initial meaning or structure; therefore, the publication contains more sentences in *Portuguese*. These two languages drove the work process and the conversations and, as a result, we only translated into *English* the sentences that were translatable.

ANFIBOLOGIA, TRADUÇÃO

Vitor Cesar

O projeto **ANFIBOLOGIA, TRADUÇÃO** consiste em dois desdobramentos: uma intervenção realizada em outdoors no centro de Varsóvia [**CAMINHAR PELA CIDADE EM UM ESTADO CAÓTICO**] e esta publicação [**OBSERVAR CONSTRUÇÕES ATRAVESSANDO MONUMENTOS**] - trabalho comissionado pelo programa **VIDEOBRASIL EM CONTEXTO** e desenvolvido durante residência de três meses [Maio-Julho/2015] no A-I-R LABORATORY do CENTRE FOR CONTEMPORARY ART UJAZDOWSKI CASTLE, Varsóvia, em 2015.

Projekt Amphibology, projekt tłumaczeniowy składa się z dwóch sytuacji: jedna interwencja prowadzona na billboardach w centrum Warszawy [Idąc przez miasto w stanie chaosu] oraz niniejszej publikacji [Oglądając budynki po drugiej zabytków]. Prace na zlecenie programu Videobrasil w kontekście i rozwijane podczas pobytu trzy miesiące [maj-lipiec / 2015] air laboratory w Centrum Sztuki Współczesnej Zamek Ujazdowski w Warszawie, w 2015 roku.

The project **AMPHIBOLOGY, TRANSLATION** project consists of two developments: one intervention carried out on billboards in the center of Warsaw [Walking through the city in a chaotic state] and this publication [Watching buildings across monuments]. Work commissioned by Videobrasil program in context and developed during residence three months [May-July / 2015] AIR Laboratory at the Centre for Contemporary Art Ujazdowski Castle, Warsaw, in 2015.

ANFIBOLOGIA, TRADUÇÃO

PUBLICAÇÃO
PUBLIKACJA
PUBLICATION

OBSERVAR CONSTRUÇÕES ATRAVESSANDO MONUMENTOS
OBSERWOWAĆ ZABYTKI POŚRODKU PLACU BUDOWY
WATCHING BUILDINGS BETWEEN MONUMENTS

Projeto Gráfico
Projekt Graficzny
Graphic Design

Vitor Cesar

Imagens
Zdjęcia
Images

Bartosz Górka
Vitor Cesar

Tradução
Tłumaczenie
Translation

Polonês
Polski
Polish
Jan Koźbiel

Inglês
Angielski
English
Gabriel Blum

Revisão
Korekta
Proofreading

Português
Portugalski
Portuguese
Stephanie
C. L. Fernandes

Polonês
Polski
Polish
Jan Koźbiel

Inglês
Angielski
English
Gabriel Blum

INTERVENÇÃO
INTERWENCJA
INTERVENTION

CAMINHAR PELA CIDADE EM UM ESTADO CAÓTICO
IŚĆ PRZEZ MIASTO W STANIE ZAMĘTU
WALKING THROUGH THE CITY IN A CAOTHIC STATE

Colaboração
Współpraca
Collaboration

Michał Lipszyc

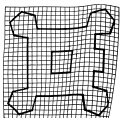
Curadoria
Kuratorka
Curator

Ika Sienkiewicz-Nowacka

Agradecimentos
Potwierdzenie
acknowledgement

Livia Salomoni, Vitor Cesar e Jeanne Cesar, Thereza Farkas, Naiade Margonar, Rafael Moretti, Galciani Neves, Enrico Rocha, Claudio Bueno, Ligia Nobre. Deborah Salles, Edirle Menezes.

Ika Sienkiewicz-Nowacka, Marianna Dobrowska, Michał Lipszyc, Simone De Iacobis, Małgorzata Kuciewicz, Krzysztof Bielecki, Bogna Świątkowska.



Centrum Sztuki
Współczesnej Zamek
Ujazdowski, ul. Jazdów
2 Warszawa



EDITORA
WYDAWCA
PUBLISHER

Centrum Sztuki Współczesnej Zamek Ujazdowski, Jazdów 2, 00-467 Warszawa
www.csw.art.pl
www.csw.art.pl/air

2015
Artista, CCA Ujazdowski Castle
Artysta, Centrum Sztuki Współczesnej Zamek Ujazdowski
The artist, CCA Ujazdowski Castle

ISBN: 978-83-65240-00-2